

DPAC: O que é ?

COLABORADORA:

Carla Nechar de Queiroz - CRFa. 5263

Fonoaudióloga chefe do Serviço de Fonoaudiologia da SPO

Formada pela EPM (atual UNIFESP) - Mestrado na Illinois State University

Para Contato: tel: (011) 549-0739

e-mail: carla@wmulher.com.br¹

Muito bem, depois que tratamos um pouco do assunto da audição, eu acho que todos já estão preparados para a grande notícia: DPAC - Desordem do Processamento Auditivo Central. Nossa, que palavrão!! Vamos explorar cada uma dessas palavras e tentar entender esse nome feio, para que vocês não tenham medo dele, entendam e ajudem quem tem essa coisa com esse nome horroroso.

Vamos iniciar pela palavra desordem. Todos sabem o que é uma desordem, não é mesmo? É uma bagunça, quando tudo está fora do lugar, nada está certo. Bem, é isso mesmo. A pessoa com DPAC tem coisas que não estão certas. Mas, especificamente, o que não está certo? O processamento. Processamento é o nome dado coletivamente aos passos que são dados para a análise da informação, para se entender. Mas o que é que se quer entender? O que é ouvido (aí está o auditivo do nosso palavrão). E o tal do central, o que quer dizer isso? Bem, o termo central, assim como seu oposto (periférico) são termos utilizados para estruturas do Sistema Nervoso. O seja, o que é central é relativo ao cérebro (de uma maneira simplista, são as estruturas que carregamos na cabeça, a qual tomamos tanto cuidado para não bater!!). Periférico é referente aos nervos, terminações nervosas que estão localizadas fora, ou melhor, longe deste centro que manda as informações para todo o corpo.

Muito bom, agora que já vimos os termos do nosso palavrão separadamente, vamos tentar explicar em palavras simples o que ele quer dizer. Quem tem DPAC tem uma dificuldade em "entender" o que lhe é falado. Ah..., então esta pessoa não ouve!!! NÃO. NÃO. NÃO. Aí é que está a grande pegadinha deste palavrão....processamento. Ao ouvir a fala esta pessoa tem dificuldade para processar o que foi dito, ou seja, ela talvez não consiga quebrá-la em pedaços menores ou talvez juntar um significado ao que foi ouvido....e isso é feito lá no cérebro, na região central do nosso sistema nervoso.

Portanto, temos que lembrar que "escutar" não é nem nunca foi "ouvir" e "ouvir" não garante um "entender". Eu posso ouvir alguém falando chinês, posso reconhecer alguns sons e até tentar repetir. Mas será que isso me faz entender o que está sendo falado? E, por não entender, eu sou agora chamado de "surdo"?!? Eu acho que não. Mas o que acontece é que algumas pessoas tem dificuldade de entender a própria língua, aquela que é falada dentro de casa, o português.

É claro que as pessoas que têm qualquer tipo de perda auditiva vão ter uma dificuldade maior para entender mas este nome (DPAC) não é usado para elas. Assim sendo, as pessoas que têm DPAC necessitam de uma audição normal. Se eu fizer uma avaliação

¹ http://www.wmulher.com.br/print.asp?id_mater=206&canal=saude

audiológica, os resultados têm que ser normal ou no mínimo, com uma perda muito pequena que não justifique a dificuldade de entender.

Então agora sabemos que essas pessoas ouvem bem mas entendem mal. Como é que eu vou verificar se elas entendem ou não? Existe uma bateria de testes conhecida como "avaliação do processamento auditivo central", que tem testes gravados com barulho, para ver se a pessoa consegue ouvir em condições desfavoráveis; alguns testes que falam metade da palavra em uma orelha e a outra metade na outra e a pessoa tem que juntar as duas metades e dizer o que ouviu; palavras que são faladas ao mesmo tempo e a pessoa diz o que ouviu, etc... Esses testes foram desenvolvidos aqui no Brasil ou adaptados de outros já estudados em outros países e sabemos que conseguem separar as pessoas que "processam bem", e portanto entendem, daqueles que não conseguem.

Muito bem agora já sabemos como verificar se a pessoa entende ou não. Mas como devemos fazer esta testagem? Será que temos que testar todo mundo que, alguma vez na vida deixou de ouvir um pedaço da instrução que estava recebendo? Ou que, talvez, não consiga se lembrar da data em que seus amigos marcaram a próxima reunião, e que acabou de apagar a mensagem na secretária eletrônica!!! Ou quando você conhece alguém que se chama Marli mas entendeu Maria.... o que será que a pessoa com DPAC faz, que chama a nossa atenção para esta dificuldade de entender? Bem, ela faz exatamente isso...mas o tempo todo, sempre. Ela não consegue nunca lembrar-se das coisas caso não estejam escritas; se você não se apresenta duas ou três vezes, ela não vai lembrar do seu nome, mesmo que passem uma noite inteira conversando; ela também não vai conseguir seguir instruções muito longas, que exijam muita atenção. Ela sempre pede para que você repita o que foi dito e às vezes diz que não vai conseguir achar uma bola quando o que você pediu na verdade foi uma cola.....

Você conhece alguém assim? Você por algum acaso chama essa pessoa de distraída, bagunceira, de mal educada, de burra talvez. E se essa pessoa for uma criança? E se for seu filho?

E se o seu filho tivesse DPAC?

Como foi dito anteriormente, DPAC refere-se a um grupo de indivíduos que, apesar de ter uma audição em níveis normais, não conseguem entender o que lhes é falado. Esta é uma situação um tanto difícil de se imaginar. Porém, vamos tentar fazê-lo imaginando que estamos em um país cuja língua falada não conheçamos. Sei lá, talvez a Finlândia. E, para seu azar, todas os finlandeses que falavam Inglês ou Português tiveram uma doença gravíssima de forma que só se fala a língua natal.

Imagine-se na Finlândia, sozinho e sem nenhum guia turístico. O que você faz? Como vai fazer para pedir um prato no restaurante? Como vai descobrir se o trem vai na direção na qual você quer ir? Como vai entender o quanto tem que pagar na loja pelas lembrancinhas que está comprando? Como vai saber se não está sendo explorado por ser estrangeiro?

Logo no início, você está obviamente perdido, perguntando-se o que foi fazer lá naquele fim de mundo gelado. Depois de algum tempo, já consegue fazer algumas associações, aprendendo a identificar o som das palavras mais comuns, talvez um "sim", "não", quem

sabe até não se arrisca a identificar o nome das moedas (um, dez, centavos, etc...). Será que eu poderia dizer que sei falar Finlandês só por que eu entendo algumas palavras? É claro que não!!! E se você fosse obrigado a ir ao cinema ? Será que iria se divertir muito? Seria capaz de entender o que se passasse no filme? Talvez mas com certeza você sairia do cinema cansado e com uma sensação de que perdeu um tempo incrível lá dentro. Isso, é claro, partindo-se do princípio que você conseguiu ficar acordado durante o filme. Depois de alguns dias, estará frustrado, ansioso, sentindo-se incapaz e querendo voltar para casa mas não será capaz de chegar ao aeroporto a não ser que veja o desenho de um avião numa placa, que normalmente indica um aeroporto próximo(o outro jeito e imitar um aviãozinho...).

Agora, imagine uma criança, este ser que está crescendo e se desenvolvendo, aprendendo e apreendendo informações o tempo todo, perdida numa Finlândia sozinho....só que esta Finlândia é aqui, no Brasil, na casa, na escola, na aula de educação física, o tempo todo. Para crianças com DPAC, a nossa língua é "ouvida" como uma língua estrangeira, parece que é muito rápida, que não se consegue identificar o início de uma frase do final da outra que a antecedeu, tudo é uma barulheira só. Como é que ele vai conseguir pegar o que lhe foi pedido, se ele não tem a menor idéia do que foi? Ele sabe que algo lhe foi pedido pois ele ouviu um "por favor" e, ele pensa lá na sua cabecinha, "toda vez que papai fala isso, ele espera que eu lhe traga algo". O pobre do menino já vai ficar todo nervoso e angustiado...ele não sabe o que é esperado dele.

Uma criança assim, com este tipo de desordem, sofre demais pois ela não pode simplesmente dizer que não está entendendo. A primeira reação dos pais será dizer que ela não presta atenção suficiente. Os pais já a rotularam de "desatenta" e nada mais normal que ela não entenda nada por isso. Os pais muitas vezes se irritam em ter que repetir as coisas duas ou até três vezes para que ela consiga realizar uma tarefa simples (por exemplo, levar o copo para a cozinha e colocá-lo em cima da pia). Com grande frequência os pais foram surpreendidos, avisos que deveriam ter-lhe sido passados por seu filho mas que não o foram por que a criança não se lembrava do aviso; ela até sabia que tinha que dizer-lhe alguma coisa mas não sabia exatamente o que era. Pronto, o que a criança tem é um problema de memória! Talvez até seja mas se esta dificuldade for apenas para o que foi dito, ou seja, o que a criança teve que ouvir, muito provavelmente ela tem DPAC. Se ela se lembrar de ter encontrado a Tia lá no shopping ou de ter visto tal desenho, a memória dela parece estar funcionando muito bem.

A DPAC acaba abalando o relacionamento entre a criança e o resto da família, ambos os lados sentindo-se impotentes. Ocorre, também, um atraso global na criança. Na escola, ela vai brincar com crianças mais velhas ou mais novas, ambos os grupos que não se importam com suas dificuldades. Isso vai afetar seu desenvolvimento social. Algumas crianças apresentem dificuldade já durante o processo de alfabetização, com uma extrema dificuldade em associar um determinado som à uma letra (ou grafema). O professor geralmente acredita que o problema é o comportamento da criança. A criança que seja alfabetizada "na marra" muitas vezes vai apresentar dificuldades mais tarde na sua vida escolar: não vai conseguir ler adequadamente em voz alta, desrespeitando pontos e vírgulas; vai ter dificuldade em lembrar-se das capitais dos países europeus ou

dos afluentes do Rio Amazonas. Esta criança vai ter uma defasagem acadêmica tão maior quanto for a demora para o diagnóstico e o início do tratamento.